



A CASA TRADICIONAL DO LADOEIRO (IDANHA-A-NOVA)

The traditional house of Ladoeiro (Idanha-a-Nova)

Jorge Gouveia

Licenciado em História. Professor.

Núcleo Regional de Investigação Arqueológica (em 1990)

Palavras-chave Arquitectura tradicional, habitação rural, Beira Baixa

Keywords Traditional architecture, rural housing, Beira Baixa

Vila Velha de Ródão, 2021

Resumo

O Ladoeiro é uma localidade do município de Idanha-a-Nova situada numa zona de pré-campina e de forte aptidão agrícola fruto da qualidade das suas terras. A rarefação da pedra como material de construção e as condições socioeconómicas da maioria da sua população obrigou os habitantes do Ladoeiro a apelar ao seu engenho e ao aproveitamento dos materiais de construção existentes (arenito carbonatado e argila), para a construção das suas habitações e dependências agrícolas.

Abstract

Ladoeiro is a town in the municipality of Idanha-a-Nova located in an area of prairie and with strong agricultural aptitude due to the quality of its soils. The rarefaction of stone as a building material and the socioeconomic conditions of the majority of its population forced the inhabitants of Ladoeiro to resort to their ingenuity and the use of existing construction materials (carbonate-cemented sandstone and clay), for the construction of their houses and agricultural facilities.

Introdução¹

O uso da pedra como material de construção, em muros de suporte ou de resguardo de campos, no calcetamento de caminhos, em pontes, no forro de poços, nos currais e abrigos para animais, em edifícios destinados a guardar produtos de colheita ou na habitação humana, é um traço comum ao território português. Apenas em algumas áreas que carecem por completo deste material, não se emprega tal processo de construção.

¹ Este texto foi originalmente publicado em 1990, no nº 9 a 11 do boletim informativo Preservação, editado pelo Núcleo Regional de Investigação Arqueológica. As fotografias anexas foram acrescentadas à edição original.

Estamos perante o exemplo típico do Ladoeiro, situado numa zona de pré-campina, totalmente desprovido de pedra de qualidade para construção, o que contrasta com a restante área do concelho toda ela marcada pela abundância de pedra, seja ela de origem quartzítica (Penha Garcia), xistenta (Rosmaninhal, Alcafozes, Monfortinho) ou predominantemente granítica (Idanha-a-Nova, Monsanto, Aldeia de Santa Margarida, São Miguel de Acha, Segura, Salvaterra do Extremo, Oledo, Idanha-a-Velha, Proença-a-Velha, Medelim, Zebreira).

Como consequência desta rarefação da pedra como material de construção, o homem que se fixou nesta área bastante propícia à agricultura, apenas dispondo de raros afloramentos de arenitos carbonatados, teve que apelar ao seu engenho e ao aproveitamento dos materiais de construção existentes, que lhe possibilitassem a construção, desde a sua habitação, aos celeiros, aos alojamentos dos animais.



Figura 1. Vista aérea do Ladoeiro

Sendo o Ladoeiro uma zona de características argilosas, foi essa mesma argila, combinada com palha de centeio - adobe - que lhe serviu para fabricar os blocos

necessários à construção, em paralelo com o uso do arenito. O uso tradicional do adobe só tem paralelo no concelho de Idanha-a-Nova na freguesia de Toulões.

Para dar uma maior consistência a essa construção e torná-la mais durável, socorreu-se de blocos de xisto, vindos de outros locais da região, que reservava para os cunhais e as umbreiras das portas e das janelas, como reforço de estrutura. A utilização do adobe como material de construção, não oferecia por si só a resistência ambicionada. Logo, foi combinado com conglomerados e arenitos de cimento natural carbonatado, da Formação de Cabeço do Infante, existente na área da povoação e que fazia parte da habitação sensivelmente até ao primeiro andar. O restante da construção era preenchido até ao telhado por blocos paralelepípedicos de adobe seco ao sol, com as seguintes dimensões aproximadas: 40 cm de comprimento por 20 cm de largura.

Era este o universo da casa rural do Ladoeiro, sendo esta de pequena dimensão, quando dizia respeito aos estratos mais pobres da população. A casa rural aparece assim em estreita dependência dos materiais de construção locais.

Observa-se, porém, que existem disseminadas pela povoação, outro género de habitações, todas elas construídas em granito. Pertencem estas às pessoas mais abastadas, aos donos das terras. Da mesma forma o granito constitui o material de construção de igrejas e capelas.

Para além do material de construção utilizado, estas edificações diferenciam-se do comum, pelas suas maiores dimensões.

Caracterização da habitação rural

De planta rectangular e telhado de uma só água, construído em telha mourisca, no sistema de telha vã, estas casas são de dimensão reduzida, quer em largura quer em altura (3,5 m x 4,5 m).

O exterior da casa mostra a inexistência de qualquer revestimento, nomeadamente reboco. O acesso ao interior era feito através de uma porta de madeira com um pequeno postigo.

Para dar maior luminosidade à habitação, existia uma pequena janela no piso superior e por vezes outra no inferior, ambas de pequenas dimensões.

Observa-se nalgumas casas a existência de belas varandas de madeira, com resguardo de ripas cruzadas fazendo xadrez.

Junto às janelas é frequente observar-se pequenos arcos de ferro espetados na parede, ou então cachorros de pedra, estes menos frequentes, nos quais se dava um ar de jardim à casa colocando, suspensos, vasos onde belos craveiros e sardinheiras impregnavam o ar com o seu perfume.

A cal branca dá o tom na decoração exterior da casa. Assim, as ombreiras das portas e das janelas são regularmente caiadas, nas festas da Páscoa e Verão, o que lhes dá uma graça contrastante com a cor da pedra, do conglomerado e arenito carbonatado, vulgo caliça, e do adobe. Esta pintura em camadas espessas atinge por vezes alguns centímetros.

Não ficaria completa esta descrição do exterior da casa sem referir o poial de pedra que se encontra à porta de muitas delas e que convida ao descanso pela fresca da tarde.

Um pormenor comum à quase totalidade dos portais das casas é a sua arquitetura do tipo quinhentista, ou seja, com as esquinas cortadas.

O interior, mostra-nos uma casa de dois pisos, divididos por um sobrado de madeira, sendo o acesso ao primeiro andar feito através de uma escadaria interior deste mesmo material.

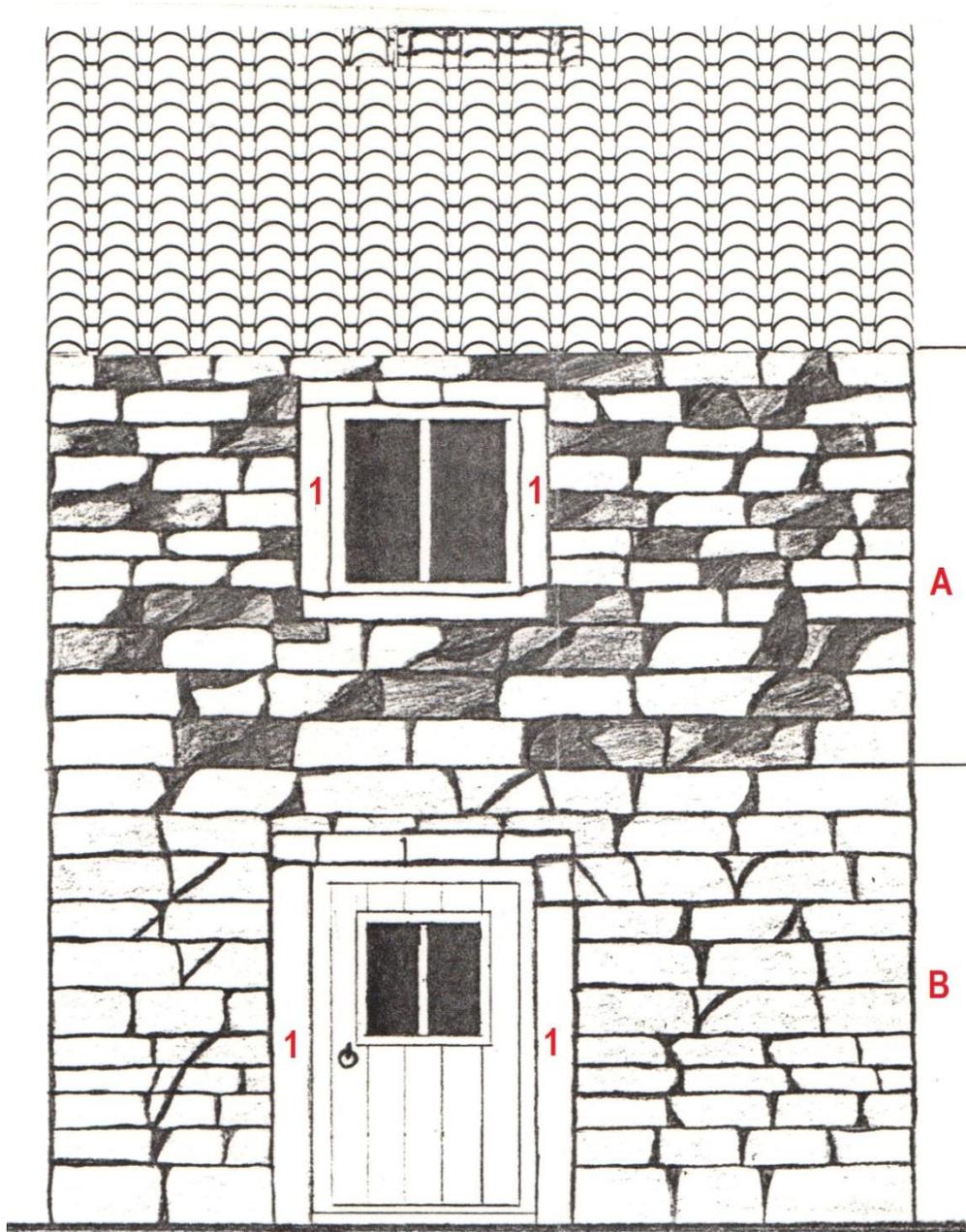
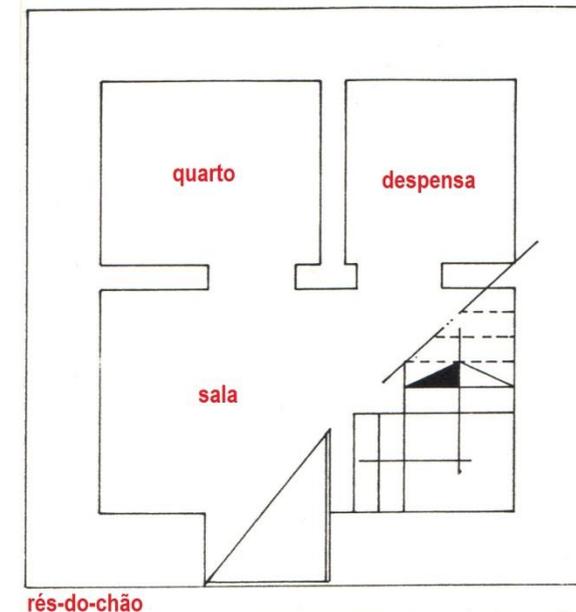


Figura 2. Fachada de uma habitação de dois andares no Ladoeiro (A é o primeiro andar e B o rés-do-chão. 1 indica a posição das ombreiras em granito).



1º andar

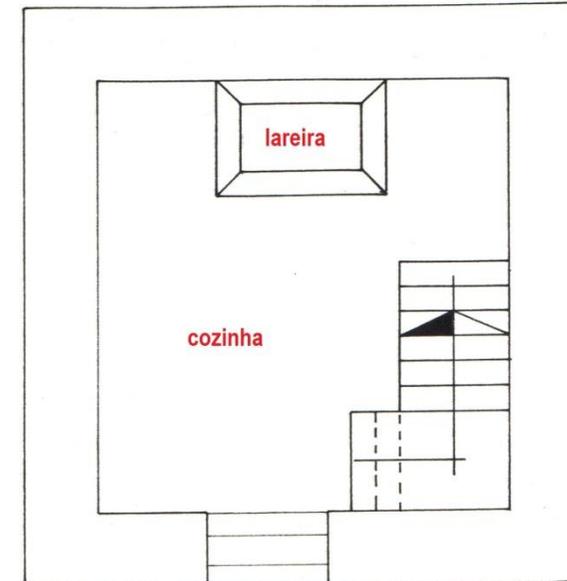


Figura 3. Plantas do primeiro andar e do rés-do-chão do modelo de habitação do Ladoeiro.

O chão do piso da entrada era de terra batida ou calcetado a laje; mas têm todos eles uma característica comum. Eram bosteados, ou seja, salpicados com uma mistura de excremento de vaca diluído em água, no espaço vazio entre as lajes. Segundo parece, esta mistura tinha propriedades de isolamento térmico.

Este tipo de casa difere das do norte do país a nível de utilização, pois não se serve do piso da entrada para resguardar gados, alfaias ou palha. Toda ela é destinada à habitação.



Figura 4. Vista da fachada de uma velha habitação de dois andares em Ladoeiro (fotografia de Carlos Neto de Carvalho).



Figura 5. Vista da fachada de outra habitação do mesmo tipo (fotografia de Carlos Neto de Carvalho).

O aproveitamento do espaço e o mobiliário utilizado: a sala de entrada- sótão

Transposta a porta de entrada, esta dá acesso a uma sala de piso em terra batida (sótão), onde o espaço, por ser reduzido, dava lugar ao seu completo aproveitamento. Neste espaço situava-se o quarto de dormir, a despensa (peneirador) e o acesso à cozinha no primeiro andar, feito através da já referida escada interior sob a qual se fazia o galinheiro para as galinhas pernoitarem, pois durante o dia deambulavam pela rua.

O mobiliário desta primeira divisão, era constituído por uma cantareira embutida na parede, onde se colocavam as loiças mais finas da casa, tais como: pratos de Sacavém, loiça do cavalinho - colocados à volta da cantareira - alguns copos e

outros objetos como o almofariz e o azado da água, este último colocado na prateleira de baixo.

Numa das paredes era colocada uma mesa encimada por um espelho, ladeado por quadros com motivos religiosos. Junto à mesa eram colocadas geralmente uma ou duas cadeiras.

Uma outra mesa, de maiores dimensões, ocupava o centro da sala de entrada; um conjunto de cadeiras acompanhava esta mesa. Ainda neste piso era colocada uma ou duas arcas de madeira, onde se guardava a roupa de melhor qualidade e outro género de haveres.

A bacia de lavar estava numa mesa com um buraco e com um balde por baixo para aparar a água: por cima dela havia um pequeno espelho.

Havia espalhado pela sala, adornos feitos de ráfia ou palha de arroz que serviam de porta toalhas, para a escova do fato, de penteador. Mais tarde alguns destes adornos passaram a ser feitos de veludo bordado a recobrir uma forma de cartão.

Pormenor interessante, era a existência de um "marcador" feito a ponto cruz, com o abecedário em letras góticas. Este marcador consistia num pano quadrado (50X50cm), em linho, onde eram bordados a ponto de cruz o abecedário maiúsculo e minúsculo e o nome do possuidor. Cada criança quando saísse da escola, trazia o seu marcador já feito, pois era a professora que ensinava a bordar.

A despensa - peneirador

Normalmente colocada ao lado esquerdo do quarto, situava-se igualmente a sala de entrada. As suas dimensões não ultrapassavam 1,5 m x 1,5.

Era nesta despensa que se colocavam as talhas de barro onde curtiavam a azeitona. Era também aqui onde se colocava a salgadeira com a carne. Os enchidos, alhos,

cebolas e outros produtos, eram igualmente aqui armazenados, dependurados do teto. No entanto, os enchidos tinham o seu lugar mais comum ao fundo do quarto de dormir.

Era também aqui que se peneirava, amassava e tendia o pão.

O quarto

Ficava situado também na sala de entrada e tal como a generalidade da habitação era de reduzidas dimensões (2,5m x 1,5 m).

Nesta divisão era colocada madeira, uma cama, assente em barcos de com cerca de 75 centímetros de altura, cobertos por tábuas de solho, sobre as quais assentava a enxerga (colchão de palha) feita de linho grosseiro (estopa), com uma abertura ao centro e cheio com palha de centeio (colmo), devidamente apertada com o auxílio de uma forcalha. Esta abertura depois da enxerga ter sido cheia, era fechada com tiras de pano. Quando cheia, o que era feito uma vez por ano, no verão, ficava com cerca de 30 ou 40 cm de altura.

A esta era aplicada uma peça de pano chamada entre-cama, destinada a cobrir o espaço que ia do colchão até muito perto do chão. Algumas destas entre-camas, muito belas, eram bordadas a ponto de Castelo Branco.

À cabeceira da cama era colocado um rolo de pano (travesseiro) cheio de palha, arrematado por uma roseta com fitas de cores. Por cima do rolo colocavam um almofadão bordado com aplicações de renda e monogramas, especialmente em dias de festa.

O teto do quarto, na noite de núpcias, era forrado com um lençol de linho, salpicado de estrelas a que davam o nome de "céu". Preso nas abas deste lençol apareciam quadrados de renda que davam ao quarto um tipo de baldaquino.

À cabeceira existia uma cruz em madeira e um terço. Existia ainda uma pequena mesa quadrada, tosca, onde era colocada uma candeia. Por baixo da mesa, ou da cama, era colocado o vaso de noite, feito em loiça de barro vidrado. Por baixo da cama armazenava-se, normalmente, parte das batatas, a outra ficava na cozinha.

Uma particularidade interessante dizia respeito ao caso do quarto ser de uma noiva; aí expunha-se todo o seu bragal que não devia ter menos de sete camas bordadas, sendo este pormenor destinado a dar boa impressão a possíveis pretendentes. Estas eram apenas retiradas à noite para dormir.

Devido à exiguidade do quarto e aos elementos que compunham esse quarto e a cama, uma pessoa de estatura mediana, para dormir de forma relativamente confortável tinha necessidade de um buraco, aberto ao fundo da cama onde pudesse meter os pés e assim dormir esticada.

A cozinha

O acesso a esta divisão da casa, situada no primeiro andar era feito através da escadaria interior em madeira.

Aqui era instalada a lareira, desprovida de qualquer tipo de chaminé, escoando-se o fumo pelas telhas que constituíam um forro do tipo “telha vã”.

A lareira assentava em pedra de alvenaria, por vezes aproveitando-se mós de moinho. Era colocada junto à parede, em posição central mas, nalgumas casas, mais pequenas, era a um canto para ocupar menos espaço. Encostado à parede era construído um muro, revestido a xisto no seu topo, chamado batorél, que servia de apoio a objetos de cozinha, tais como: panelas, sertãs, quando se cozinhava ou comia. Numa das extremidades do batorél encontrava-se um buraco onde eram lançadas as cinzas, a pilheira. Bem perto, pendurados na parede, estavam os utensílios utilizados na lareira: tenaz, espeto, trempe.

As panelas e outros utensílios de “pôr-ao-lume” eram suspensos de cadeias de ferro, presas a um grampo igualmente de ferro e espetado na parede. Geralmente a trempe estava dependurada juntamente com a candeia, visto ser utilizada como suporte de sertãs e caldeiros.

Faziam ainda parte dos objetos que se podiam encontrar na cozinha, o saleiro de cortiça, uma cabaça, o surrão ou sarrão que era uma pele de cabrito curtida, atada pelas patas e onde os homens levavam a merenda quando iam trabalhar para o campo.

Encostada a uma parede encontrava-se uma prateleira tosca onde eram colocadas as loiças de uso diário, feitas em barro vidrado, e os utensílios comuns da época, tais como: corno, fazendo de azeiteiro; corna, para as azeitonas e o ferrado de cortiça, para os condutos de carne. Havia ainda pendurado, um suporte para colheres e garfos de ferro.

Havia geralmente uma pequena e baixa mesa que se colocava no centro, junto da lareira, para as refeições. Os assentos eram diversos; desde os tropeços de cortiça, aos mochos e cadelas, estes últimos feitos numa só peça de madeira aproveitando certas ramadas de árvores.

Para completar o mobiliário desta divisão, havia um arcaz para sementes e outro para géneros alimentícios e restos. Serviam eventualmente de dormitório aos filhos do casal que utilizavam esteiras de tabua (junco). Porém, geralmente os rapazes quando atingiam uma certa idade iam dormir para os palheiros.



Figura 6. Vista da fachada de um palheiro construído com granito e tijolos de adobe (fotografia de Carlos Neto de Carvalho).

Bibliografia

Ribeiro, Orlando (1986) Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Livraria Sá da Costa, Lisboa.